

VALOZ, J. T. S. O lugar da linguística evolutiva na linguística geral de Ferdinand de Saussure: que implicações teóricas e epistemológicas? *ReVEL*, v. 24, n. 46, 2026. [www.revel.inf.br].

## O lugar da linguística evolutiva na linguística geral de Ferdinand de Saussure: que implicações teóricas e epistemológicas?

Jomson Teixeira da Silva Valoz<sup>1</sup>

[jomson.silva@upe.br](mailto:jomson.silva@upe.br)

**RESUMO:** Neste artigo, discutimos o estatuto da linguística evolutiva no interior da Linguística Geral de Ferdinand de Saussure, problematizando a leitura que atribui ao autor uma ruptura radical com a gramática comparada e com a linguística histórica do século XIX. Partindo de uma análise teórico-bibliográfica, fundamentada no *Curso de Linguística Geral* (2012 [1916]) e em comentadores contemporâneos, como Milner (2012 [1978]), Depecker (2012), Normand (2000c; 2009), Flores (2023) e Rocha e Faria (2021), argumentamos que Saussure não elimina a dimensão histórica do estudo da língua, mas a reinsere criticamente a partir da noção de sistema e da noção de valor. Demonstramos que a distinção entre sincronia e diacronia constitui um *deslocamento epistemológico* e um refinamento metodológico do critério de cientificidade linguística, que passa da causalidade natural e biologizante e toma a evolução linguística como objeto para uma teoria do sistema e para a descrição das relações diferenciais que o estruturam. Concluímos que a Linguística Geral saussuriana reorganiza conceitualmente um campo já existente, preservando a linguística evolutiva como um ponto de vista em relação à teoria do sistema, sem lhe conceder o estatuto de fundamento exclusivo da ciência da linguagem. A análise demonstrou que a Linguística Geral saussuriana não se constrói contra a tradição histórico-comparativa, mas a partir de uma reelaboração crítica dessa prática científica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ferdinand de Saussure; Linguística Geral; Linguística evolutiva; Sincronia e diacronia.

**ABSTRACT:** This paper discusses the status of evolutionary linguistics within Ferdinand de Saussure's General Linguistics, challenging interpretations that attribute to the author a radical rupture with comparative grammar and nineteenth-century historical linguistics. Based on a theoretical and bibliographic analysis grounded in the *Course in General Linguistics* (2012 [1916]) and in contemporary commentators such as Milner (2012 [1978]), Depecker (2012), Normand (2000c; 2009), Flores (2023), and Rocha and Faria (2021), we argue that Saussure does not eliminate the historical dimension from the study of language, but rather critically reintegrates it through the notions of system and value. We demonstrate that the distinction between synchrony and diachrony represents an epistemological shift and a methodological refinement of the criterion of linguistic

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, na linha de pesquisa Teoria e Análise Linguística. Professor Adjunto de Linguística na Universidade de Pernambuco (UPE), campus Garanhuns. Professor permanente do Mestrado Profissional em Letras na UPE, campus Garanhuns e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), linha de Pesquisa Teoria e Análise Linguística.

scientificity, moving away from naturalistic and biologizing causality centered on linguistic evolution toward a theory of the system and the description of the differential relations that structure it. We conclude that Saussurean General Linguistics conceptually reorganizes an already existing field, preserving evolutionary linguistics as a point of view within system theory, without granting it the status of the exclusive foundation of the science of language. The analysis shows that Saussure's General Linguistics is not constructed against the historical-comparative tradition, but through a critical re-elaboration of this scientific practice.

**KEYWORDS:** Ferdinand de Saussure; General Linguistics; evolutionary linguistics; synchrony and diachrony.

## 1. Introdução

A posição ocupada por Ferdinand de Saussure na história da linguística tem sido, ao longo do século XX, objeto de leituras frequentemente marcadas por um viés fundacionalista. Em especial, após a publicação do *Curso de Linguística Geral* (2012 [1996])<sup>2</sup>, consolidou-se a imagem de Saussure como o responsável por uma ruptura decisiva com a gramática comparada e com a linguística histórica do século XIX, inaugurando, assim, uma ciência inteiramente nova. Tal narrativa, embora recorrente em manuais e textos introdutórios, revela-se problemática quando confrontada com a formação intelectual de Saussure e com a complexidade de seu projeto teórico.

Ao contrário dessa narrativa simplista, consideramos que a Linguística Geral saussuriana não nasce de uma negação pura e simples das tradições anteriores, mas de uma reorganização conceitual interna ao campo linguístico, cujos fundamentos epistemológicos já se encontravam em elaboração na gramática comparada e na linguística histórico-comparativa, pois como afirma Milner (2012 [1978], p. 51), “a linguística que existe e que se trata de fundamentar é a gramática comparada - a única disciplina, aliás, que Saussure praticou”. Essa constatação desloca o foco da análise da ideia de *ruptura* para a noção de *deslocamento teórico*, mais adequada, segundo nossa interpretação, para compreender a singularidade da proposta saussuriana.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo discutir o estatuto da linguística evolutiva no interior da Linguística Geral de Ferdinand de Saussure, problematizando leituras que propõem, de maneira excessivamente rígida, a ruptura

---

<sup>2</sup> A partir de agora, faremos referência ao *Curso de linguística geral* apenas pelo ano de 2012.

entre o comparatismo e a Linguística Geral de Saussure. Partimos da hipótese de que o linguista genebrino não apenas se inscreve na tradição da linguística evolutiva, mas a reinscreve criticamente, a partir de uma teoria sistêmica do valor.

Tal hipótese encontra respaldo na própria trajetória intelectual de Saussure, cuja formação se deu no seio da gramática comparada e do neogramatismo. Isso fica ainda mais evidente, pois “durante a maior parte de sua vida profissional, ele [Saussure] estudou as mudanças linguísticas através de pistas deixadas nos textos das línguas das famílias indo-europeias” (Bouissac, 2012, p. 177, inserção nossa). Como ainda observa Normand (2009), Saussure é simultaneamente herdeiro e crítico dessa tradição: herdeiro no que diz respeito ao rigor metodológico e ao interesse pela mudança linguística; crítico no que concerne ao modelo naturalista e causal que sustentava a explicação da evolução das línguas.

Neste vértice, ao estabelecer a distinção entre sincronia e diacronia e ao definir a língua como sistema de valores, como veremos, Saussure (2012) desloca a base científica da linguística do âmbito da causalidade natural e biologizante para o das relações internas do sistema. Assim, ele reformula o objeto de estudo, que passa de uma *língua-organismo* a uma *língua-instituição social* (Flores, 2023, p. 72). Esse deslocamento *epistemológico* não elimina a importância da história, mas a redefine. Como resume Milner (2012 [1978], p. 37), “não há nada na linguística sincrônica pós-saussuriana que já não estivesse na gramática comparada” (Milner, 2012 [1978], p. 51). Portanto, defendemos que Saussure (2012) não cria uma ciência totalmente nova, mas confere um novo status científico a uma prática já existente.

A partir dessas considerações, o artigo se organiza da seguinte maneira: inicialmente, discute-se a concepção de linguística geral anterior a Saussure, tal como se desenvolveu no interior da gramática comparada e da linguística evolutiva do século XIX; em seguida, examina-se o diálogo crítico de Saussure com essa tradição, com especial atenção aos neogramáticos e a Hermann Paul; por fim, analisa-se a distinção entre sincronia e diacronia como elemento central para a redefinição da cientificidade linguística.

## 2. A linguística geral antes de Saussure: a centralidade da evolução

*A “linguística geral” já existia antes de Saussure e continuou existindo depois dele (Flores, 2023, p. 73).*

A Linguística Geral formulada por Saussure constitui-se em oposição crítica ao paradigma evolucionista que orientava a gramática comparada e a linguística histórico comparativa do século XIX, sem, contudo, eliminar a importância teórica da mudança linguística de seu horizonte. Partindo dessa constatação, esta seção propõe examinar de que maneira a centralidade da evolução linguística é deslocada no interior da Linguística Geral saussuriana, não mais a partir do entendimento de que a cientificidade da linguística se estabelecia por ter como objeto a evolução das línguas. Trata-se, portanto, de discutir em que sentido é possível falar em linguística evolutiva em Saussure e, sobretudo, qual é a implicação teórica, metodológica e epistemológica desse deslocamento para a compreensão de uma linguística científica.

Para tanto, é preciso lembrar o contexto histórico-científico no qual Saussure está inserido e que, como destacamos com Flores (2023) na citação em epígrafe, já apresentava um campo de estudos da linguagem, entendido como uma linguística geral, ainda que como uma ideia, já que, “apesar das obras que reúnem os resultados de pesquisas da época, o que se tem é um projeto em desenvolvimento e pontualmente executado” (Flores, 2023, p. 71).

Ao longo do século XIX, a gramática comparada constituiu-se como o principal modelo científico de estudo da linguagem, tendo como eixo a reconstrução das línguas-mães e a descrição das transformações fonéticas segundo leis regulares. Por isso, antes da síntese saussuriana estabelecida pela edição póstuma do CLG em 1916, a linguística geral não se distinguia claramente da linguística histórica, pelo contrário. Como observam Rocha e Faria (2021), linguística geral era a “ciência encarregada de explicar os fatores que regem a mudança” (p. 705). Dessa forma, o caráter geral da linguística residia justamente na formulação de leis universais da evolução linguística, concebida segundo analogias com as ciências naturais. Vitral (2010), por exemplo, esclarece que a linguística desse período é herdeira direta dos modelos explicativos que dominaram as ciências naturais, especialmente a biologia evolutiva darwiniana e a física de matriz newtoniana. Conforme Ilari (2009, p. 57), “a

metáfora de base para a compreensão dos fenômenos linguísticos tinha sido a ideia evolucionista da transformação das espécies.”

A constituição da linguística como disciplina científica, assim, está profundamente ligada ao trabalho dos primeiros comparatistas, como Franz Bopp (1816), que vislumbraram, na comparação entre línguas aparentadas, não apenas um método de investigação, mas também a possibilidade de um campo de estudos especializado capaz de explicar uma língua por meio de outra. Como também elucida Ilari (2009) “foi precisamente a linguística comparativa e histórica que desenvolveu um método de manipulação de *dados linguísticos enquanto dados linguísticos*” (p. 29, itálico do autor).

Tal proposta, retomada e ampliada por Rask (1818) e Grimm (1822), inaugurou o movimento que, mais tarde, seria reconhecido como Linguística Histórica, orientada pela convicção de que compreender a linguagem significava, sobretudo, rastrear as transformações que ela sofre ao longo do tempo. A ideia de ciência da linguagem estava indissociavelmente vinculada ao estudo diacrônico e à linguística evolutiva, e a regularidade das mudanças era um princípio quase axiológico: só havia ciência porque havia regularidade detectável e previsível nas transformações formais e semânticas das línguas.

August Schleicher (1873), em particular, foi responsável por consolidar uma visão organicista e biológica da língua, entendida como um organismo vivo sujeito a nascimento, desenvolvimento e decadência. Ao importar diretamente modelos das ciências naturais e aproximar a linguística das teorias darwinianas, Schleicher concebe a língua como um organismo físico sujeito às mesmas forças que regem os seres vivos. A descrição da mudança linguística nos moldes de uma “lei natural” revela a força do determinismo causal que orientava a ciência linguística oitocentista, convicção segundo a qual nada na natureza — e, por extensão, nas línguas — ocorreria ao acaso.

Para Lacerda (2021), essa perspectiva naturalista reforça a visão determinista evolucionista, tornando a mudança linguística uma questão de degeneração física ou adaptação fisiológica, independentemente da ação consciente dos falantes, mas não apresenta uma explicação suficiente para as exceções à regularidade das mudanças sonoras mecânicas. Em contraposição à perspectiva biologizante e evolucionista de

Schleicher (1873), a partir dos anos de 1870, destaca-se o grupo denominado neogramáticos. Como destaca Saussure, “graças aos neogramáticos, não se viu mais nas línguas um organismo que se desenvolve por si só, mas um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos” (2012, p. 12). Contudo, para o genebrino,

por grandes que sejam os serviços prestados por essa escola, não se pode dizer que tenha esclarecido a totalidade da questão, e, ainda hoje, os problemas fundamentais da Linguística Geral aguardam uma solução (Saussure, 2012, p. 12).

Os neogramáticos defendiam a ideia de que toda mudança fonética ocorre de forma regular e sem exceções, obedecendo a leis mecânicas que atuam automaticamente, condicionadas unicamente por fatores fonéticos que não apresentam exceção. Desse modo, toda modificação fonética que não pudesse ser explicada pela aplicação estrita das leis de regularidade fonética não poderia ser explicada como exceção casual, mas era atribuída pelos neogramáticos a mecanismos distintos, como a analogia ou o contato dialetal. Com a finalidade de formular uma explicação sistemática dos processos de mudança linguística, esse grupo teórico passou a conceber a língua como uma organização em dois planos.

O primeiro corresponderia ao domínio fonético-fonológico, responsável pelas transformações sonoras propriamente ditas e regido por princípios de funcionamento autônomos. O segundo plano referir-se-ia à esfera gramatical, na qual se localizariam os fenômenos analógicos. Nessa perspectiva, as alterações fonéticas seriam determinadas exclusivamente por condicionamentos fonéticos, independentemente da organização gramatical da língua, enquanto os processos analógicos pressuporiam a interação entre a forma sonora e a estrutura gramatical. Em contraposição aos estudos anteriores, os neogramáticos defendiam que a língua só existe no sujeito falante e que é nesse sujeito que as mudanças têm origem. A partir do neogramáticos, segundo Saussure (2012), “a língua não é mais uma entidade e não existe senão nos que a falam” (p. 12).

Rocha e Faria (2021) destacam que a obra de Paul (1966 [1880]), especialmente sua formulação sobre a mutação fônica, apresenta-se como síntese do espírito neogramático: uma teoria que desloca o foco da mudança para os falantes, mas mantém intacto o ideal mecanicista e determinista das leis fonéticas. Consideramos que essa tensão é central para compreender por que Saussure

encontrou, no modelo neogramático, ao mesmo tempo um ponto de apoio e um limite teórico, especialmente por não distinguir o ponto de vista diacrônico do ponto de vista sincrônico.

A reação neogramática, embora tenha representado um avanço metodológico significativo, sobretudo pela insistência na regularidade das leis fonéticas, manteve intacto o pressuposto fundamental da linguística evolutiva: a primazia da mudança como objeto científico por excelência. Rocha e Faria (2021), assim, oferecem uma leitura particularmente esclarecedora da posição de Hermann Paul na tradição neogramática e, sobretudo, dos pontos em que sua concepção de ciência se aproxima e se distancia daquela que Saussure viria a propor. A análise desenvolvida pelos autores permite compreender que, embora a obra de Paul (1966 [1880]) represente um avanço significativo em relação ao organicismo rígido de Schleicher, sua teoria ainda se inscreve no horizonte epistemológico que buscava conferir à linguística o estatuto de ciência exata, mantendo a centralidade da mudança como o lugar de cientificidade da linguística.

A centralidade de Hermann Paul nesse cenário deve-se ao fato de que, ao introduzir o papel do falante e a analogia na interpretação e na explicação da mudança, o linguista desloca parcialmente o modelo naturalista estrito. Contudo, esse deslocamento permanece insuficiente, pois a explicação da língua ainda se fundamenta prioritariamente na sucessão histórica dos fatos, e não em uma teoria do sistema.

Formado na tradição comparatista e plenamente consciente de seus avanços metodológicos, Saussure reconhece o valor heurístico da linguística histórica, afirmando que “tal escola teve o mérito incontestável de abrir um campo novo e fecundo” (Saussure, 2012, p. 10), mas recusa sua pretensão de constituir, sozinha, uma ciência da linguagem, uma vez que “jamais se preocupou em determinar a natureza de seu objeto de estudo” (Saussure, 2012, p. 10). É justamente nesse ponto que Saussure opera seu gesto teórico. O deslocamento do projeto saussuriano consiste na reorganização conceitual do campo, por meio da definição de um novo ponto de vista que não é o da comparação e da evolução das línguas: o do sistema.

A noção de sistema desempenha um papel decisivo nesse deslocamento. Ao conceber a língua como um sistema de valores, Saussure (2012) rompe com a

explicação causal inspirada na natureza e nas forças mecânicas e propõe uma abordagem relacional, na qual os elementos linguísticos só adquirem significado em função de suas relações mútuas. A mudança linguística deixa, então, de ser compreendida como um processo natural inevitável e passa a ser interpretada como resultado de reconfigurações internas ao sistema.

Esse deslocamento não implica a rejeição da dimensão histórica, mas sua subordinação a uma teoria geral da língua. A crítica de Saussure à linguística evolutiva não visa negar o importante papel da mudança, mas sim questionar sua centralidade exclusiva como fundamento da cientificidade linguística. A história, para Saussure, não desaparece; ela perde o estatuto de princípio explicativo único e absoluto.

### **3. Saussure e a reconfiguração da linguística geral**

Encerramos a seção anterior afirmando que Saussure (2012) reorganiza conceitualmente o campo da linguística por meio da definição do ponto de vista do sistema. Flores (2023) destaca que a partir desse ponto de vista, a linguística geral começa a tomar outro rumo que se distancia das concepções biológicas de Schleicher (1873) e das concepções físicas e naturais dos neogramáticos, representados especialmente Hermam Paul, para se aproximar de linguistas como Whitney (1867) e Meillet (1921) que deslocam o foco da *língua-organismo* para a *língua-instituição social*, em que “ganha destaque a pesquisa em torno das relações entre os falantes e as estruturas sociais” (Flores, 2023, p. 72). A linguística geral, então, vai se consolidando como uma ciência social e semiológica.

A inovação saussuriana, portanto, não reside apenas em criticar esses paradigmas, mas em propor uma redefinição do objeto linguístico como objeto semiológico, substituindo a busca por causas históricas pela análise das relações internas que constituem um sistema. A linguística deixa de ser uma ciência exclusiva da mudança para tornar-se a ciência dos valores, abandonando o organismo natural para assumir o sistema e renunciando à explicação causal para privilegiar a análise relacional e diferencial. De acordo com Flores (2023).

Como veremos, a linguística geral de Ferdinand de Saussure é diferente da que a precede, porque Saussure estabelece um ponto de vista inaugural – o semiológico, em que a língua é vista como um sistema de signos arbitrários, um sistema de valores [...] Nesse sentido, “geral” na “linguística geral” de Saussure, não mais diz respeito à busca de uma síntese de resultados [...] a linguística sincrônica de Saussure é “geral” em um sentido bem específico: ela se desloca da generalização empírica dos resultados acumulados para a generalidade teórica (Flores, 2023, p. 73-74).

Ainda conforme Normand (2000c), a Linguística Geral de Ferdinand de Saussure

Não se trata de generalização sob a forma de leis e tendências a partir da gramática comparada e da linguística histórica. A perspectiva é invertida: a generalidade proposta é a dos princípios, e é por isso que o Curso de linguística geral é uma epistemologia na qual se encontra colocada a necessidade de hipótese (Normand, 2000c, p. 446)<sup>3</sup>.

As observações de Flores (2023) e de Normand (2000c) permitem-nos sintetizar com maior precisão o alcance do deslocamento que a Linguística Geral de Saussure representa em relação à tradição que a precede. Ao mostrar que, no final do século XIX, o campo começa a deslocar-se da metáfora organicista para a compreensão da língua como instituição social, Flores (2023) evidencia que a linguística geral passa a ser concebida não mais como uma ciência exclusiva da evolução de formas linguísticas, mas como um domínio preocupado com o funcionamento dos signos e com os modos pelos quais as relações sociais sustentam e transformam esse funcionamento.

Nesse quadro, a contribuição saussuriana inaugura um ponto de vista de natureza teórica e epistemológica ao afirmar que a língua “não pode ser entendida senão como um sistema de valores puros” (Saussure, 2012, p. 130) e ao ancorar a generalidade da linguística não na síntese empírica de resultados diacrônicos, mas na construção de princípios explicativos capazes de fundamentar o próprio estatuto científico da disciplina.

É precisamente essa mudança de escala epistemológica que Normand (2000c) destaca ao afirmar que a Linguística Geral de Saussure não consiste em estender as leis da gramática comparada, mas em operar uma inversão decisiva: a generalidade não é mais procurada no acúmulo de regularidades históricas, e sim na formulação de hipóteses sobre a natureza do objeto linguístico. A linguística passa a fundar-se em

---

<sup>3</sup> Tradução de Flores (2023).

conceitos como os de valor, sistema, signo, relações sintagmáticas e associativas, e não apenas em descrições ou projeções evolutivas. Por isso, o *Curso* é lido por Normand (2000c) como uma epistemologia, ou seja, uma teoria das condições de possibilidade da ciência da linguagem que Milner (2012 [1978]) defende já existir na gramática comparada.

A partir dessa discussão, torna-se possível compreender que a reconfiguração saussuriana da linguística geral não reside em um simples deslocamento terminológico, mas em uma transformação profunda do ponto de vista sobre o objeto. A linguística geral “pré-saussuriana”, moldada pela gramática comparada e pelo historicismo, centrava-se na evolução das formas e buscava explicações regulares e universalizantes da mudança. A Linguística Geral, tal como reconfigurada por Saussure, passa a concentrar-se no caráter sistêmico e semiológico da língua, entendida como rede de relações em que suas unidades só adquirem valor em determinado estado sincrônico.

Entretanto, reconhecer esse deslocamento não significa afirmar que Saussure exclui a diacronia de seu objeto ou de sua Linguística Geral. Ao contrário, a diacronia permanece uma dimensão essencial da linguagem, pois a língua, enquanto instituição social, transforma-se continuamente ao longo do tempo. O que Saussure (2012) rejeita é a hegemonia epistemológica da diacronia, ou seja, a ideia de que só há ciência na observação das mudanças. Ao distinguir sincronia e diacronia como dois pontos de vista igualmente legítimos, mas metodologicamente distintos, Saussure (2012) abre espaço para uma ciência capaz de descrever tanto os estados quanto as transformações.

A linguística evolutiva, então, não é excluída, mas reorganizada em um quadro teórico mais amplo, no qual a mudança só pode ser plenamente compreendida a partir das relações estruturais que constituem cada estado de língua. Assim, a Linguística Geral saussuriana integra a história, mas não se reduz a ela; incorpora a transformação, mas não a toma como fundamento exclusivo da cientificidade. Nesse gesto, Saussure (2012) redefine o campo, conferindo à linguística uma dupla competência: explicar o sistema e explicar a mudança, articulando ambos sem confundi-los. Saussure não ignora os avanços da gramática comparada nem da

linguística neogramática. Sua crítica não se dirige aos dados produzidos por essa tradição, mas ao estatuto epistemológico que ela atribui à mudança.

A introdução da noção de sistema constitui, nesse sentido, o ponto de inflexão da Linguística Geral saussuriana. Definindo a língua como um sistema de valores em que cada elemento existe apenas por suas relações diferenciais, Saussure (2012) rompe com a explicação causal-natural da evolução linguística e parece apresentar uma resposta para o problema da linguística geral que, segundo ele, ainda aguardava solução.

Em síntese, a Linguística Geral saussuriana não elimina a linguística evolutiva de seu horizonte epistemológico, mas a reinscreve sob novas condições de inteligibilidade. A mudança linguística permanece um problema central, mas só pode ser compreendida a partir da análise dos estados de língua. Essa posição permite compreender por que Saussure insiste na distinção metodológica entre sincronia e diacronia. Trata-se, como observa Bouissac (2012), menos de uma oposição ontológica do que de uma exigência epistemológica, uma espécie de aforismo segundo o qual diferentes problemas exigem diferentes pontos de vista.

#### **4. Sincronia e diacronia na Linguística Geral de Saussure: uma redefinição do critério de cientificidade**

Como vimos nas seções anteriores, o paradigma que antecede o deslocamento elaborado por Saussure (2012) conferia à mudança linguística o estatuto de objeto privilegiado da linguística geral, entendendo a língua como um organismo natural e, posteriormente, subordinando-a à lógica causal das leis fonéticas. O movimento saussuriano, ao redefinir a língua como sistema de valores e ao deslocar o foco para as relações internas que o estruturam, exige necessariamente a separação entre dois pontos de vista: aquele que apreende o funcionamento simultâneo do sistema e aquele que descreve as transformações que o afetam ao longo do tempo.

Esses dois pontos de vista, ao lado da dicotomia língua e fala, constituem um dos eixos que geraram, desde a publicação do CLG, muitas controvérsias, pois, desde o início do capítulo dedicado à evolução linguística, ou seja, o capítulo III da primeira parte, intitulado “A linguística estática e a linguística evolutiva”, Saussure (2012)

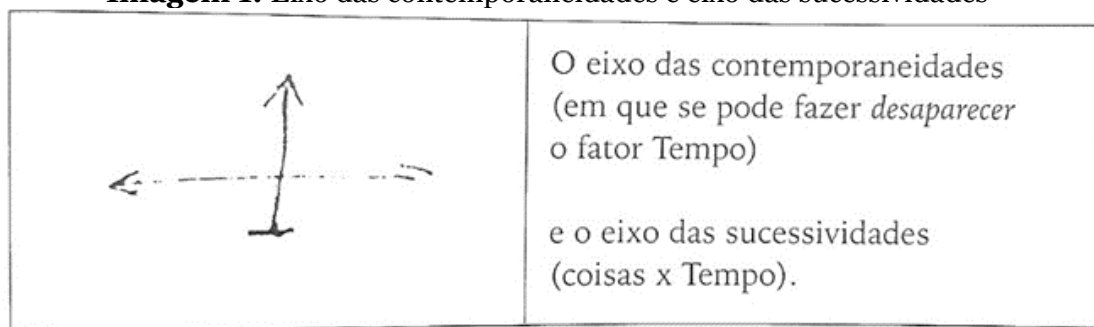
alerta que “poucos linguistas percebem que a intervenção do fator tempo é de molde a criar, para a linguística, dificuldades particulares, e que ela lhes coloca a ciência diante de duas rotas absolutamente divergentes” (Saussure, 2012, p. 94).

No referido capítulo, após discutir a relação de outras disciplinas com o fator tempo e concluir que esse fator não produz consequências significativas para elas, o genebrino compara a linguística à Economia Política e à História Econômica, destacando que essas disciplinas constituem duas disciplinas separadas de uma mesma ciência. Semelhantemente, a linguística apresenta a mesma característica de constituir, por necessidade, duas disciplinas, “cada qual com seu princípio próprio” (Saussure, 2012, p. 95). Se há uma necessidade, conforme lemos anteriormente, de dividir a linguística em duas rotas completamente diferentes, Saussure, paradoxalmente, assinala a necessidade de se observar dois eixos, o que pode ser comprovado nas “Notas Preparatórias para o III Curso de Linguística Geral” presentes em Saussure (ELG, 2004, p. 287):

Quando se chega às ciências que se ocupam de valores, a distinção, que era apenas facultativa até então, torna-se uma necessidade teórica e prática de primeira ordem. Pode-se, a partir desse instante, desafiar quem quer que seja a estabelecer uma ciência precisa fora da separação entre os dois eixos (Saussure, 2004, p. 287).

Os dois eixos são assim ilustrados por Saussure nas notas para o curso III:

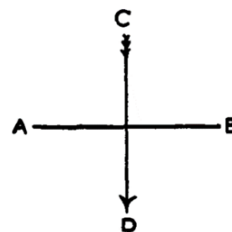
**Imagem 1:** Eixo das contemporaneidades e eixo das sucessividades



Fonte: Saussure, 2004, p. 287.

No CLG, encontramos a definição desses dois eixos denominados no ELG de como o que se segue:

1º O eixo das simultaneidades (AB), concernentes às relações entre coisas coexistentes, de onde toda intervenção do tempo se exclui, e 2º o eixo das sucessões (CD), sobre o qual não se pode considerar mais que uma coisa por vez, mas onde estão situadas todas as coisas do primeiro eixo com suas respectivas transformações (Saussure [CLG], 2012, p. 95).



Devemos levar em consideração que a sincronia e a diacronia devem ser entendidas como dois pontos de vista a partir dos quais se pode observar o mesmo objeto: a língua. Do ponto de vista da sincronia, o objeto língua é observado a partir do sistema de signos que tem na relação uns com os outros, ou seja, no valor sistêmico, sua determinação como unidade concreta da língua. É sincronicamente que se pode apreender o valor do signo linguístico em determinado momento, o que Saussure (2012) denominou linguística estática.

Do ponto de vista da diacronia, colocamo-nos sobre a análise da língua por meio das transformações ao longo do tempo, considerando seus diversos estados e relacionando esses estados uns com os outros; desse ponto de vista, colocamo-nos exatamente no estudo da língua por meio da linguística evolutiva. Conforme Bouissac (2012, p. 179), “não se pode negar que tanto o estado de uma língua em um dado momento quanto as transformações que nela ocorrem no passado pertencem, de alguma forma, a essa língua”. É a complexidade do objeto língua que justifica o estudo a partir da separação entre sincronia e diacronia. Dessa forma, a questão que se coloca, também, é de método.

Conforme Milano e Riter

Ainda que consigamos perceber e descrever a diferença entre sincronia e diacronia, trata-se de nada além do que uma separação metodológica e de um exercício didático, tendo em vista que, ao considerarmos o exercício da *langue* pela *parole* nos sujeitos falantes, leis sincrônicas e diacrônicas estão presentes a todo momento. A separação desses pontos de vista se faz necessária nos estudos da linguagem como forma de delimitar objeto e método. Tal exercício foi proposto por Saussure como uma resposta à linguística do século XIX, representando uma significativa renovação metodológica (Milano e Riter, 2024, p. 23).

As palavras de Milano e Riter (2024) fazem voz exatamente com a discussão estabelecida na seção anterior, uma vez que como foi possível argumentar, o exercício de separar a sincronia da diacronia foi a resposta de Saussure à linguística geral de

sua época que assumia como objeto da ciência linguística as mudanças ao longo do tempo e a diacronia como método privilegiado de análise para garantir a cientificidade da linguística. Como vimos na passagem anteriormente destacada do ELG, essa distinção tem razão de ser devido a uma necessidade teórica e prática de primeira ordem.

Isso acontece exatamente na medida em que Saussure (2012) apresenta a língua como um sistema semiológico, um sistema de valores e, portanto, “para as ciências que trabalham com valores, tal distinção se torna uma necessidade prática e, em certos casos, uma necessidade absoluta” (Saussure, 2012, p. 95). Por ser a linguística uma ciência desse tipo, “é ao linguista que tal distinção se impõe mais imperiosamente” (Saussure, 2004, p. 95), como método de análise e não como objeto teórico.

A noção de valor aqui é nevrálgica, pois é a partir dela que Saussure (2012) define a língua como objeto da linguística e a sincronia como método diretamente relacionado à noção de sistema. Como defendemos em Silva Filho (2018), Silva Filho (2020) e Valoz (2025), a Teoria do Valor consiste exatamente no verdadeiro gesto inovador de Saussure. Assim, podemos afirmar que a separação entre sincronia e diacronia é imperiosamente necessária, já que só é possível recortar o valor de um signo linguístico, entendido como a unidade concreta da língua, por meio do sistema em que um signo se relaciona com outros signos, não podendo ser recortado senão no momento determinado de realização do sistema pelo sujeito falante, “verdadeiro nicho da linguagem e da língua” (Saussure, 2004, p. 116).

É justamente essa reconfiguração teórica — na qual a generalidade da linguística deixa de repousar na acumulação de regularidades históricas e passa a fundamentar-se em princípios teóricos explicativos, principalmente a partir das noções de sistema e de valor — que torna indispensável distinguir metodologicamente a sincronia e a diacronia. Como destaca Normand (2000c), a Linguística Geral de Saussure é uma epistemologia, um quadro teórico que define as condições de possibilidade da linguística como ciência que encontra seu “verdadeiro objeto”. Nesse quadro, a separação dos dois eixos não implica exclusão da história, mas decorre da necessidade de circunscrever o objeto para que seja possível descrevê-lo cientificamente. Do mesmo modo, a leitura de Flores (2023) mostra que a

Linguística Geral saussuriana se afasta do organicismo e do mecanicismo neogramático ao propor um objeto semiológico, cujo funcionamento só pode ser apreendido pela observação sincrônica dos valores diferenciais.

Em relação ao que afirma Saussure sobre “as duas rotas absolutamente divergentes”, consideramos que esse aviso do mestre genebrino não expressa a exclusão radical de uma rota em relação à outra, mas sim um refinamento metodológico, a partir do deslocamento epistemológico elaborado. É o que interpretamos, inclusive, das palavras de Milano e Riter (2024), quando defendem que, no exercício da língua por meio da fala, as leis intrínsecas a essas duas rotas misturam-se a todo momento.

Koerner (1982), assim, afirma que a obra de Saussure foi recortada e reorganizada pelos editores do CLG de modo a acentuar a separação entre sincronia e diacronia e criando a ilusão de uma oposição epistemológica radical que não se sustenta. E o CLG corrobora essa afirmação, quando destaca que

a verdade sincrônica parece ser a negação da verdade diacrônica e, vendo as coisas superficialmente, parecerá a alguém que cumpre escolher entre as duas; de fato, não é necessário; uma das verdades não exclui a outra (Saussure, 2012, p. 112).

Para Bouissac (2012) é absolutamente equivocado afirmar que Saussure ignorou a dinâmica do tempo ou desprezou o estudo das mudanças linguísticas. Para o autor, “nada poderia estar mais distante da verdade”, já que Saussure foi reconhecido por seus contemporâneos, antes e acima de tudo, como um linguista histórico e comparatista. Bouissac (2012) lembra que seu trabalho sobre o indo-europeu, especialmente sobre as sonantes e o lituano, é prova de sua profunda dedicação à evolução das línguas.

A metáfora célebre de Saussure, segundo a qual seria absurdo analisar simultaneamente retratos de uma pessoa aos cinco, dezoito, quarenta e setenta anos (Saussure, 2012, p. 123) mostra que a sincronia corresponde a um recorte necessário, não a uma negação do tempo. Esse recorte no tempo corresponde ao modo como o falante vivencia o sistema, pois este “não percebe a sucessão dos fatos da língua, visto que ele se acha diante de um estado” (Saussure, 2012, p. 123). A linguística sincrônica trabalha “com a perspectiva das pessoas que falam” (Saussure, 2012, p.

132), enquanto a diacrônica exige dois olhares: o prospectivo e o retrospectivo (Saussure, 2012, p. 281-282).

Essa diferença metodológica é o que permite a Depecker (2012) reinterpretar a teoria saussuriana como uma epistemologia da complexidade. Para o autor, a distinção entre sincronia e diacronia não é um dualismo estrutural, mas uma ferramenta heurística que permite ao linguista operar em dois níveis, a saber, o da apreensão fenomenológica do sistema e o da reconstrução histórica de seus fatores de transformação. Essa revelação diz respeito às forças que, internamente, redistribuem valores, reorganizam paradigmas e deslocam unidades. Assim, sincronia e diacronia não são apenas dois recortes; são duas epistemologias articuladas.

Diante do que discutimos até aqui, torna-se evidente que Saussure (2012) não concebeu sincronia e diacronia como domínios opostos, mas como modos complementares de apreensão do objeto língua. O CLG não rompe com a linguística histórica; ao contrário, reorganiza a gramática comparada em um novo quadro conceitual que integra o sistema e a evolução.

A diacronia, nesse contexto, era concebida como o lugar privilegiado da objetividade científica, precisamente por se afastar da percepção subjetiva dos falantes. Saussure inverte esse raciocínio ao demonstrar que a cientificidade da linguística não decorre do afastamento do sujeito, mas da definição rigorosa do objeto. Esse objeto não é a língua tomada como sucessão histórica de formas, mas a língua enquanto sistema de valores.

A sincronia, portanto, não corresponde a um recorte impressionista ou psicológico da língua, como defende Vitral (2010). Ao contrário, trata-se de um ponto de vista metodológico que permite apreender a estrutura do sistema linguístico em um determinado momento. Como afirma Saussure (2012, p. 128), “um estado de língua é sempre um sistema de valores”. Essa noção confere à análise sincrônica um grau elevado de objetividade, pois os valores linguísticos não dependem da vontade individual, mas das convenções sociais compartilhadas. A objetividade da análise linguística não reside, assim, na observação de regularidades naturais, mas na descrição das relações diferenciais que estruturam o sistema.

A diacronia, por sua vez, não desaparece do horizonte saussuriano. O que se transforma é o modo como ela é teoricamente enquadrada. Em vez de fornecer leis

gerais da evolução linguística, a diacronia passa a descrever séries de transformações que afetam o sistema. Como observa Milner (2012 [1978]), a mudança não explica o sistema; é o sistema que torna a mudança inteligível. Essa formulação é central para compreender o estatuto da linguística evolutiva no interior da Linguística Geral saussuriana.

Nesse ponto, a influência crítica de Hermann Paul, anteriormente referida, torna-se visível. Embora Paul já tivesse enfatizado o papel do uso e da atividade dos falantes, Saussure (2012) radicaliza esse deslocamento ao retirar da mudança o estatuto de princípio fundador da ciência linguística. A mudança passa a ser um fenômeno derivado, explicável apenas pela lógica interna do sistema linguístico. A Linguística Geral de Saussure não hierarquiza esses eixos, mas recusa que qualquer um deles, isoladamente, possa fundamentar a cientificidade da disciplina.

Essa posição permite compreender por que Saussure critica tanto o naturalismo evolucionista quanto as explicações psicologizantes da linguagem. A língua não evolui segundo leis naturais nem se reduz à soma de atos individuais de fala. Ela se transforma porque o sistema, enquanto produto social, está em constante perturbação e reequilíbrio. Dessa forma, a Linguística Geral saussuriana redefine profundamente o estatuto da linguística evolutiva. A história permanece indispensável, mas deixa de ocupar o lugar de fundamento último da ciência da linguagem. A linguística evolutiva, outrora eixo central da disciplina, é reinscrita como um domínio de uma teoria geral da língua.

## **5. Considerações finais**

A análise desenvolvida ao longo deste texto permite-nos concluir que a linguística evolutiva não ocupa, na Linguística Geral de Saussure, a posição de princípio fundador, mas tampouco é descartada como domínio ilegítimo. O gesto teórico saussuriano consiste, antes, em articular a explicação da mudança a uma teoria do sistema, deslocando o centro da cientificidade linguística. Como observa Depecker (2012), a originalidade de Saussure reside menos na introdução de novos objetos do que na redefinição das condições de inteligibilidade dos fenômenos linguísticos.

Na linguística geral anterior a Saussure, a evolução constituía o eixo privilegiado da análise. A linguagem era concebida como um objeto natural, submetido a leis semelhantes às que regem os organismos vivos. Essa concepção garantia à linguística um estatuto científico por analogia com as ciências naturais, mas ao custo de reduzir a língua a um fenômeno exterior à massa falante e ao sistema. Mesmo quando a gramática comparada alcança alto grau de rigor metodológico, ela permanece presa a um paradigma causal-natural.

Saussure tensiona esse modelo ao afirmar que “*o ponto de vista cria o objeto*” (Saussure, 2012, p. 15). Essa formulação, frequentemente citada, tem implicações epistemológicas profundas: a ciência linguística não se constitui pela acumulação de fatos históricos, mas pela definição rigorosa do recorte teórico que torna esses fatos inteligíveis. A Linguística Geral de Saussure não nega a história, mas recusa que ela possa ser tomada como fundamento único e absoluto da ciência da linguagem.

Milner (2012 [1978]) insiste nesse ponto ao afirmar que a Linguística Geral saussuriana não é uma linguística antievolutiva, mas *pós-evolutiva*. A evolução permanece como problema, mas perde o estatuto de explicação última. Essa leitura permite compreender por que Saussure se distancia tanto do naturalismo de Schleicher (1873) quanto do psicologismo residual presente em certas formulações neogramáticas.

Flores (2023) destaca que esse deslocamento implica uma redefinição do conceito de cientificidade. A objetividade da linguística não se funda na exterioridade do objeto em relação ao sujeito, mas no caráter social e sistemático da língua. A língua é objetiva precisamente porque não pertence a nenhum indivíduo isoladamente. Essa concepção permite resolver a aparente tensão entre sincronia e diacronia sem recorrer a hierarquizações indevidas.

Essa releitura também permite relativizar a oposição frequentemente estabelecida entre linguística geral e linguística histórica. Como sugere Normand (2009), Saussure não propõe uma linguística geral contra a história, mas uma linguística geral que torna a história pensável cientificamente. A gramática comparada forneceu os dados e os problemas; a Linguística Geral saussuriana redefine o modo de abordá-los.

A contribuição de Saussure, portanto, não deve ser compreendida como a fundação *ex nihilo* de uma nova ciência, mas como uma reorganização epistemológica profunda do campo linguístico. Essa reorganização explica tanto a permanência da linguística evolutiva quanto sua perda de centralidade explicativa. Portanto, a Linguística Geral, tal como concebida por Saussure, emerge como o espaço teórico e epistemológico capaz de articular sistema e mudança sem reduzir a língua a um objeto natural ou psicológico.

Ao retomar essa discussão, o trabalho contribui para leituras contemporâneas da obra saussuriana que reconhecem tanto sua inscrição histórica quanto o alcance teórico de seu gesto conceitual. Em tempos de releituras críticas da tradição linguística, revisitar a relação entre linguística evolutiva e linguística geral mostra-se não apenas pertinente, mas necessária para compreender os fundamentos da linguística moderna.

## Referências

DEPECKER, Loïc. *Compreender Saussure a partir dos manuscritos*. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2012.

FLORES, Valdir do Nascimento. *A linguística geral de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Contexto, 2023.

GRIMM, Jacob. *Deutsche Grammatik*. Göttingen: Dieterichsche Buchhandlung, 1822.

ILARI, Rodolfo. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2009.

KOERNER, Konrad. On the historical roots of the philology/linguistics controversy. In: AHLQVIST, Anders (ed.). *Papers from the 5th International Conference on Historical Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982.

LACERDA, Marcos L. *Breve percurso histórico de abordagens linguísticas que antecedem e influenciam a constituição da sociolinguística variacionista*. Revista do GEL, v. 18, n. 1, 2021.

MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1921.

MILANO, Luciana; RITER, Caio da Silva. Algumas considerações sobre as dualidades conceituais saussurianas. *Revista Linguagem & Ensino*, v. 27, n. 1, p. 18-29, 2024.

MILNER, Jean-Claude. *O amor da língua*. Tradução de Paulo César de Souza Jr. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

NORMAND, Claudine. *L'égémonie du comparativisme*. Liège: Pierre Mardaga, 2000.

NORMAND, Claudine. *Saussure*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

PAUL, Hermann. *Princípios fundamentais da história da língua*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966 [1880].

RASK, Rasmus. *Undersøgelse om det gamle nordiske eller islandske sprogs oprindelse*. Copenhagen: Gyldendal, 1818.

ROCHA, Raul de Carvalho; FARIA, Núbia Rabelo. Bakker. Das leis fonéticas à sincronia: percurso e implicações possíveis em Ferdinand de Saussure. *Revista da ABRALIN*, v. 20, n. 3, 2021.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de linguística geral*. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

SCHLEICHER, August. *Die darwinsche Theorie und die Sprachwissenschaft*. Weimar: Böhlau, 1873.

SILVA FILHO, Jomson Teixeira da. *Linearização e hierarquia: retomando o paradoxo posicional a partir do programa minimalista*. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

SILVA FILHO, Jomson Teixeira da. O signo linguístico entre Saussure e Benveniste: ainda de sua natureza “arbitrária” e “necessária” e sua relação com o sujeito falante/locutor. *Revista Linguagem & Ensino*, v. 23, n. 3, 2020.

VALOZ, Jomson Teixeira da Silva. *A ciência linguística entre Saussure e Chomsky*. Recife: EDUPE, 2025.

VITRAL, Lorenzo. A antinomia sincronia/diacronia: formulação, recepção e atualidade. *Revista do GEL*, v. 7, n. 2, 2010.

WHITNEY, William Dwight. *Language and the Study of Language*. New York: Scribner, 1867.